

INÁCIO FILHO, Geraldo. **A monografia nos cursos de Graduação**.
Uberlândia, Gráfica da UFU, 1992.

Bento Itamar Borges*

O livro de Geraldo Inácio Filho aqui resenhado faz muitas críticas à universidade brasileira e a nossas condições de trabalho nela. Aqui vai mais uma: as revistas científicas têm geralmente vida curta ou intermitente e, quando publicadas por editoras universitárias costumam atrasar. Sendo assim, tenho que mudar o tom da resenha. Não é uma resenha de lançamento, para promover a venda da obra e sim, uma tentativa de analisá-la ao lado de outras do gênero e no contexto do debate acadêmico, atendendo também ao apelo humilde do autor que na conclusão do texto agradece eventuais comentários sobre lacunas e incoerências que possam ser notadas nele. Contudo, para desfazer suspenses, faço de saída a recomendação de praxe: "este é um livro que não pode faltar na estante" (ou mochila) de quem... já tenha vários livros de metodologia ou sobre monografia. O calouro que ainda não leu nem comprou nada sobre o assunto pode também começar por ele, com algumas vantagens, que mostraremos a seguir. Quanto a alguma lacuna ou falha que o resenhador e o próprio leitor venha a notar, cabe dizer que não há um manual completo e estático de metodologia aplicável a qualquer área. Assim como a história tem que ser sempre reescrita, uma obra para estudantes ganha sempre novas e às vezes ampliadas edições, como o "clássico" do Severino *Metodologia do Trabalho Científico*. Esta despreziosa resenha espera apenas contribuir para as edições seguintes. Espero contribuir para esgotar a primeira tiragem, bem como alterar a ordem de capítulos e engordar algumas seções.

Antes de ir à substância de *A monografia nos cursos de graduação*, quero falar de meu interesse. Não escrevo neutramente sobre um livro qualquer. Também sou professor de metodologia e tenho acompanhado o trabalho de Geraldo Inácio por mais de dez anos, porém me dispense de falar aqui da competência dele como professor e autor, já que o livro em apreço é sintoma de ambas funções. Pretendo antes defender a pertinência da metodologia científica ao departamento de filosofia, coisa que tem sido questionada na Universidade Federal de Uberlândia, e creio que o livro de Geraldo é uma demonstração dessa pertinência. Se o contexto de produção científica em uma época e sob um regime determinados nos leva à análise histórica e à crítica pedagógica, sua fundamentação é não obstante tarefa filosófica.

Os dois primeiros capítulos refletem marcas da formação do autor e de seu trabalho: preocupação pedagógica e análise histórica. O estudante,

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

destinatário do livro, que vai ali buscar "subsídios", encontra logo no início orientações úteis para sua vida acadêmica e argumentos para justificar a necessidade da pesquisa e da monografia. É imprescindível que o aluno saiba ler, organizar informações e utilizar a biblioteca, e que todos os segmentos da sociedade reconhecem a importância da geração de conhecimentos, apesar do peso dos desacertos de nossa história.

O terceiro e mais longo capítulo detalha os passos do **planejamento** da pesquisa com uma lista de itens em geral exigidos em projetos de pesquisa institucionais. Neste ponto do livro, às vezes chamado de "curso", aparecem problemas típicos dos manuais: ao buscar abrangência, torna-se incompleto, inclusive por razões de espaço. Por exemplo, o modelo de pesquisa proposto no planejamento requer uso de hipóteses e de amostra, mas não chega a assumir plenamente o perfil **survey**. Há sobre hipóteses um arrazoado relativamente longo, mas nada sobre variáveis, embora no item fundamentação teórica tenha aparecido a noção de categoria. Um projeto deve operacionalizar as hipóteses, esmiuçando e descrevendo as variáveis, que por sua vez determinarão os instrumentos de coleta de dados, etc. Do contrário, as hipóteses perdem sua razão de ser na pesquisa; não sendo submetidas a testes (falsificação) as hipóteses se reduzem a conjecturas ou "suspeitas". O exemplo recorrente de favela para universo de pesquisa reflete a predominância da pesquisa social empírica no **currículo** do autor. A amostra de tal universo está, contudo, mal explicada. O leitor não vai entender ali **como** fazer a seleção da amostra e não verá justificada a base estatística ou probabilística que garante qualquer amostra. E nessas lacunas que o leitor terá que recorrer a outras obras, para as quais o autor nos remete, aliás.

Em vários pontos do livro há ataques de crítica ideológica e mesmo o quesito "pressupostos" (p.46-7) é associado a **Interesses** tácitos ou explícitos. A exposição dos condicionamentos materiais do pesquisador em um projeto pode ser um belo gesto de responsabilidade social, contudo a autocrítica esbarra no irracional, não verbalizável. E, no limite, o pressuposto se situa além ou mais fundo que o suposto e o posto. Os pressupostos são às vezes as próprias condições de possibilidade do conhecimento e da comunicação. São consensos mínimos que nem sempre temos que considerar e que de tão gerais e fundamentais não equivalem àquela intencionalidade da falsa consciência e da posição de classe. Geraldo Inácio está atento ao velho "mito da neutralidade científica", mas penso que deveria também simplificar e dizer a seu leitor o que deve ser "posto" no formulário para projetos do órgão financiador e o que fica suposto ou pressuposto. E cuidado com os prefixos que fazem a diferença. É bom lembrar também que o próprio quadro teórico no início do projeto e até mesmo o quadro de definições funcionam como profissão de fé do pesquisador, como pré-conceitos, em seu bom sentido hermenêutico.

Ao final do capítulo 3 há um resumo das normas de referência bibliográfica da ABNT que talvez ficasse melhor como anexo, por várias

razões: as normas terão que ser consultadas também depois por ocasião da redação da monografia; o texto ficaria mais elegante e a variação de níveis de linguagem diminuiria. Assim como está, o leitor passa freqüentemente da informação esquemática elementar ao texto denso em registros lingüísticos mais sofisticados, como de história e metodologia. A imagem estereotipada da metodologia científica como um "saco de gatos" provém certamente dessa variedade de operações braçais e mentais que um pesquisador tem que efetuar. Ao reproduzi-las em um manual, o autor poderia se beneficiar com uma diagramação melhor. Aliás, sobre detalhes gráficos, nas páginas 62-3 ocorre uma confusão de números de seções e de exemplos.

Por fim, chegamos à **monografia**. O capítulo 4 trata de suas características, seus elementos e até das normas de datilografia. Entre este capítulo e o anterior poderia aparecer a experiência do autor na execução de pesquisas, mais ou menos como fez Moura Castro em *A prática da pesquisa* (São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1978). Todos sabemos das dificuldades reais que aparecem na coleta e análise de dados, bem como dos trâmites burocráticos e editoriais, que inclusive podem nos forçar a alterar o projeto inicial. A julgar pelos trabalhos citados do autor, alguns em equipe, ele conhece o "caminho das pedras". Inversamente, parece-me que o autor não acertou na dose ao incluir um antigo texto seu como exemplo de dissertação, modelo de "linguagem da ciência". Sendo parte de um debate com uma socióloga, o caráter polêmico da réplica sobre assunto melindroso pode obscurecer o lado argumentativo e expositivo do texto monográfico. Contudo, o exemplo serve para ilustrar o contexto real da produção acadêmica, onde quase tudo já foi dito e onde tudo é passível de contestação e rotulação. Aliás, o livro como um todo tem essa virtude de mostrar a monografia inserida como atividade do pesquisador, dependente do planejamento de atividades e da discussão metodológica. Há no capítulo 5, "Do Método", uma boa introdução ao critério de demarcação científica, bem como um painel de abordagens predominantes nas ciências humanas, como positivismo, estruturalismo, dialética, etc. Se o capítulo puder ser ampliado é para relativizar esses tipos que ora se afastam, ora se mesclam na prática da pesquisa.

A monografia nos cursos de graduação, que pode naturalmente ser lido por alunos de pós-graduação ou de segundo grau, se revela um livro motivado pela militância pedagógica do autor; a monografia pode ajudar a romper o círculo vicioso da decadente educação brasileira. A qualidade da graduação e sua relevância podem ser propiciadas e aferidas pela publicação de trabalhos monográficos que contribuam com a aprendizagem e com o desvelamento do mundo. Mas, não espere o leitor um tom poético assim. O livro adota mesmo um tom professoral quando parte da definição literal de "estudo" para recuperar a necessidade da disciplina e do esforço pessoal. Impossível discordarmos dessa enunciação do óbvio: estudante tem que estudar. É a partir desses cacetes inevitáveis de professor escaldado que podemos entender a vizinhança na mesma página de conceitos aproveitados de Paulo Freire e críticas a uma pretensa pedagogia da libertação, vazia de

conteúdo e tecnicamente atrofiada. O aluno não deve esperar que uma tal pedagogia venha liberá-lo das duras tarefas acadêmicas, ironiza o autor.

Apesar de uma leve irritação com certo discurso corporativo sempre pronto a culpar por tudo o Estado, não se vê neste livro sobre monografia um manifesto despolitizante através do elogio à competência técnica; pelo contrário, aquele capítulo que conta a história da universidade enquadra nossa apática burguesia como fonte de nossa dependência cultural. Sua "postura" lembra bem o início da década de 80, quando os pedagogos críticos ocupavam as ditas "brechas do sistema" para expor as contradições dele, etc. O tal capítulo se alinha com as coletâneas de artigos que Geraldo Inácio organizava naqueles duros tempos com pouca liberdade intelectual na universidade. Naquelas condições, ler textos críticos era um ato revolucionário, existencial, como diria Ezequiel Theodoro. E levá-los a sala de aula tinha certo risco e certo sabor. Hoje, em época de recessão e desânimo geral, a produção cai inclusive na universidade. O desafio hoje é mais escrever, falar sobre algo para alguém. Se Geraldo Inácio conseguir incentivar e ensinar aos leitores de seu livro a escrever trabalhos monográficos, estará participando da difícil tarefa de transformá-los em **autores**.